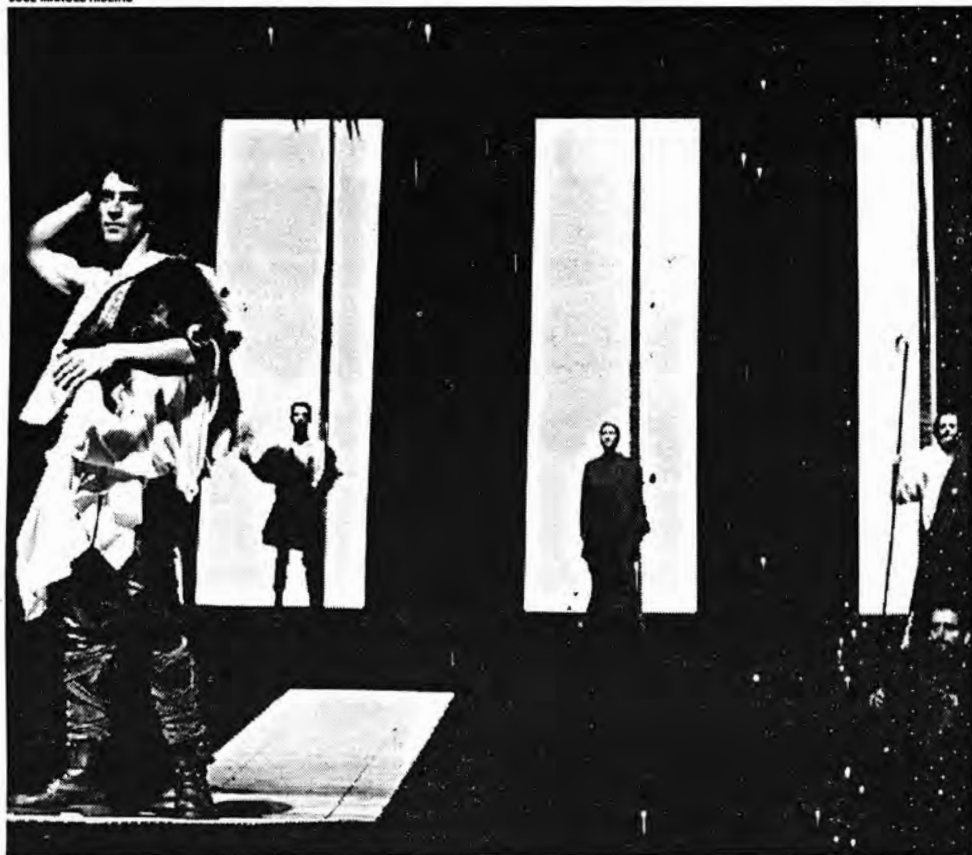


## CRÍTICA DE TEATRO

*Manuel João Gomes*

JOSÉ MANUEL RIBEIRO



# Vieira, dividir e multiplicar

CHOVIA, relampejava e trovejava em Lisboa, na terça-feira, à hora em que o Benfica começava a jogar com o Parma, e o público acabava de entrar no Dona Maria para ver a estreia de "Clamor". Trovoada verdadeira. Dentro do teatro, soaria, passados minutos, uma outra, a fingir, sonoplástica, pontuando o discurso tonitruante do missionário jesuíta António Vieira e as profecias rimadas do

O próprio Ricardo Pais, na encenação que fez do "Fausto" de Pessoa, em 1989, recorreu já ao estratagema da multiplicação cénica dos Faustos e dos Mefistófeles; e em Fevereiro passado, na encenação da "Miscelânea" de Garcia de Resende, Rogério de Carvalho dividiu as estrofes por múltiplos narradores; e, há um ano, Silvina Pereira, em "Portugaru S&n", dividiu o papel de Wences-

mandar, capacho de Francisco. E, se dentro da Casa de Garrett não se infiltraram águas chuvédias, certo é que se assistiu a uma chuva de jesuítas: duplos, heterónimos, múltiplos.

Encenadores haverá que teriam preferido encenar os Sermões de Vieira recorrendo a um único actor: um "one man show", baseado exactamente no mesmo guião, onde se provasse que Vieira era um homem dividido dentro (e até fora) de si, contraditório. Mas, além de se correr o risco de não encontrar um actor capaz de representar em tantos registos uma personagem tão teatral, perdia-se também o espectáculo vistoso, variegado, polifónico que "Clamor" indubitavelmente é.

Temos assim um Vieira multiplicado por "n" personagens, saltitando de tempo em tempo, de espaço em espaço, voando da condição de ministro de Deus para a condição de militante anti-colonial e da missão de defensor da liberdade (Índia) para a de defensor da escravatura (negra), de simpatizante da causa judaica para a de confessor da rainha Cristina da Suécia.

Diga-se, desde já, que esta multiplicação de uma personagem por muitas começa a ser o pão de cada dia no teatro lusitano, a pontos de quase se poder dizer que estamos perante uma especificidade do teatro português dos anos 90. Sendo sempre de recordar que o inventor foi, há mais de 50 anos, um tal Fernando Pessoa que, não sendo propriamente um dramaturgo, dividiu as suas tarefas de escritor por um número indefinido de heterónimos, ainda em vias de revelação pública.

Augusto Barros, em Coimbra, dividiu o papel da personagem titular da "Susn" de Achternbush por várias actrizes; e José Martins, em Viana do Castelo, dividiu por sete actores o papel de Telmo do "Frei Luís de Sousa".

Mas ao leitor interessa agora saber se a coisa resulta. A resposta é sim. "Clamor" é uma solene Liturgia da Palavra da qual o Discurso multiforme de Vieira sai enobrecido; é um belo compêndio do muito que Vieira pregou, profetizou, rezou e missionou; repartido por várias vozes, em forma de solos, diálogos, coros ou cânones, dito ou cantado, pregado ou bradado. Servido por uma cenografia discreta e um desenho de luzes inspirado num esquema que faz lembrar muito a luminotécnica de Bob Wilson, "Clamor" cumpre bem a função de dar a ler a obra e a vida de Vieira, tornando-as agradáveis à vista e ao ouvido.

E a música (off) de Gismonti? Não é nada do outro mundo, mas contribui para a solenidade da função. ■

## **CLAMOR**

**DE LUÍSA COSTA GOMES**

**(SOBRE TEXTOS DE ANTÓNIO VIEIRA)**

**ENCENAÇÃO RICARDO PAIS**

**CENOGRAFIA ANTÓNIO LAGARTO**

**MÚSICA EGBERTO GISMONTI**

**COM AFONSO MELO, ANDRÉ GAGO,**

**FERNANDO LUÍS, JOÃO GROSSO,**

**JOSÉ NEVE, ANTÓNIO RAMA,**

**FERNANDA ALVES, LÚCIA MARIA**

**E LUÍS MADUREIRA**

LISBOA Teatro Nacional D. Maria II. De 3ª a sáb., às 21h30; dom.,

às 16h.